



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Cambro, 38-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL
Endereço telegraphico: Talhaba-Lisboa • Telefone 5339 O.
Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

UMA AMEAÇA QUE PERDURA

QUE O POVO CONFIE APENAS NO ESFORÇO PROPRIO!

Demissionário o governo Granjo, não será o respectivo ministro da justiça que levará a efeito a anunciada remodelação da lei do inquilinato que não quer dizer que o futuro detentor dessa pasta não se preocupe em satisfazer uma das mais caras ambições dos proprietários, qual é a de que seja modificada aquela lei, num sentido que mais os favoreça, é claro.

Para que semelhante facto se não verifique será necessário que o povo esteja alerta, porque se permanecer alheio aos maneios dos senhores verá sensivelmente agravadas as actuais rendas, pôsto que a do lei inquilinato não será remodelada com o intuito de beneficiar o povo, mas antes de tornar-lhe mais difícil a situação.

De governos que permitem que os poderosos exerçam, à margem da lei, tôdas as extorsões que lhes apraz, há tudo a esperar, menos a defesa dos interesses do proletariado. E porque o governo que vier, neste como em muitos outros capítulos, não obstará a que o povo continue sendo espoliados e roubado, é necessário que este, se pretende reagir proficuamente, se solidarize e, numa acção combinada, se oponha aos ladrões.

Oração fúnebre

O governo do sr. António Granjo morreu.

Esta morte era esperada, e de dizer-se, por amor à verdade, não suscita grandes saudades. Morreu em S. Bento, na tarde do ontem. O sr. Granjo regressou de Santarém em aeroplano. O aparelho voara alto e célere, e depois de um curto voo, não tendo deparado com a capital, sem novidade, apoteoticamente, o presidente do ministério. Mas os ares por onde andavam embulhados, e já entre os escalatinos do sr. Granjo, patenteava o seu presentimento de queda breve. O presentimento confirmou-se. A atmosfera paralisante de há semanas se viu a mostrar pouco propícia, e o sr. Granjo à demissão, e a terra lhe seja leve.

Durante o seu rápido consulado fez de notável o sr. Granjo. Chamado a constituir ministério, apresentou-nos as suas parças como uma espécie de Mesias, disposto e capaz de vir por direito tudo o que em Portugal não tinha. Seguiu as pisadas dos seus antecessores. Acomodou-se como nos desengonçados fauleiros. Programa não tinha. Foi chamado ao poder por um bamião, por um inesperado condonamento da política. Mas programa não tinha. O sr. Granjo esperava nunca vir a presidir aos destinos do seu país. Nem programa, nem ideias, nem coragem para atacar os problemas nacionais na sua origem, e resolveu, embora com prejuízo de integridade, a energia do governo constante aplicou-se a perseguir contra o apedregado, demonstrou-se exclusivamente intransigente, como se as ridículas se não fossem, antes de tudo, revoltantes.

Do ponto de vista económico, sob todos os outros pontos de vista, o governo do sr. Granjo, dum incompetência só equiparado à dos seus antecessores. A sua ostia no encarecimento da vida, os artigos de mais instante custo custam hoje, à data da morte do sr. Granjo, aproximadamente o dobro do que custavam quando ele subiu ao poder. A proclamação retardou ainda a sua marcha. A situação cambial agravou o valor da libra, do dólar, do franco e do franco aumentou e continuava a aumentar. Só a lira desceu e isso mesmo transitóriamente. Muito não tardará a sua marcha, em relação ao dinheiro, que, mais não seja.

As prisões arbitrárias, os espoliamentos, as violências, os despojos à lei foram o pão nosso de cada dia durante o consulado do sr. Granjo. Ele, que se intitulava liberal, deixou que se espoliassem as mais caras liberdades, que se apresentava como defensor da liberdade, e consentiu na anulação de mais sagrados direitos populares, o que era um jornalista, e encarceramento, fora das normas legais, de jornalistas honestos.

Os velhos processos de governo, por meio da opressão, da es-

poliagem policial, das violências da guarda, inventados por Afonso Costa, aperfeiçoados por Sidónio Pais, seguidos depois tacitamente por António Maria Baptista e Sá Cardoso, — esses mesmos processos os adoptou fielmente o sr. Granjo. A mentira continuou, nas câmaras, nos ministérios, na administração pública. A mentira e a imoralidade. Nos diversos órgãos do Estado, o mesmo ambiente de venalidade, de crápula, de concussão.

Desta tremenda desgraça, desta deplorável miséria se apercebeu o sr. Granjo. Mas não lhe chegou o valor para pôr-lhe o fim. E pasma ver o ar de ingenuidade com que ele declarou anteontem em Santarém que não encontrava razões suficientes para explicar a ruína progressiva da Nação, como se essa progressiva ruína não estivesse suficientemente justificada no destrambelhamento das nossas governações.

O sr. Granjo, sendo um insuflante, era ao mesmo tempo um violento. A's comissões operárias que o procuravam, correctas, respeitadas, o sr. Granjo respondia com a regra com sete pedras na mão. Assoprava, vociferava, desmanchava-se rididamente. Contam-nos que uma vez, perdido inteiramente o apuro correspondente ao cargo, desatou aos pontapés a uma mesa do seu gabinete, brando como um possessivo, perante a recessa estupefacção dos três operários que o haviam procurado, a tratar não nos recorda de que simples questão.

Declararam-se, durante a vida do governo do sr. Granjo, várias greves. E sempre este, em relação aos movimentos dos trabalhadores, conservou uma atitude de parcialidade, aliás própria dos governantes desta nossa República democrática. Essa parcialidade chegou, porém, a pontos máximos. Desde o envio de esbirros para as reuniões de direcção dos sindicatos, até à proibição pura e simples de assembleias gerais de grevistas, com a adjacência recente do vagon fantasma no movimento dos ferroviários do Estado, — tudo se praticou.

O sr. Granjo tomba agora, depois de ter provado suficientemente a sua força, mostrando também a consideração em que devem ser tidas as suas afirmações passadas e futuras. Não deixa saudades, isso não — embora saibamos que não serão melhores os que lhe sucederem.

Em volta da Rússia

Ofensiva do general Petliura

LONDRES, 15. — Dizem de Moscou, que o exército do general Petliura acaba de iniciar uma violenta ofensiva contra os bolcheviques.

Por outro lado, anuncia-se que as tropas polacas se negam a retirar-se da linha convencionalizada pelo acordo assinado em Riga. — Rádio.

As reservas bolchevistas

ROMA, 15. — Nos arredores de Smolensk, Witelsk e Mohylew, os bolcheviques concentraram grandes reservas; tomam contudo grandes precauções em consequência da crescente hostilidade manifestada pela população local. — Rádio.

NOTAS & COMENTÁRIOS

Mais um

Mais um governo passou: o do sr. Granjo. Encarnou-se ferocemente contra o proletariado, o sr. Granjo. Não conseguiu esmagá-lo. A organização sindical fica, a força dos trabalhadores aumenta. Coisas eternas e indestrutíveis estas, do trabalho e da solidariedade. Transitório é apenas o sr. Granjo, que, depois de pôr à prova com seus maus resultados, recolhe à sua insignificância. Porque não há de ele, agora que já fez o gesto ao dedo, ir para a terra da naturalidade, deixando-se lá ficar por muitos anos e bons?

O grande Wrangel

O heróico Wrangel, em que as potências aliadas tanta confiança depositavam, tem avançado desesperadamente nos últimos dias — mas de costas voltadas para o inimigo vermelho. Um assombro. Os telegramas que recebemos e noutro lugar vão publicados dão uma ideia muito completa desta última fase da gloriosa campanha. Como dizia outro dia o dr. Cunha e Costa, a República dos Soviéticos é uma quimera agonizante. Mas tem a morte difícil, e mesmo na agonia, dá que falar de si. A grande preocupação do mundo, a torturante dúvida, é se ela escapa? O que será depois?

Um desgraçado

Vai ser levantado em Portsmouth um monumento destinado a perpetuar a memória dos que morreram na guerra. Alguém teve a enterredora ideia de fazer enterrar, no sítio onde o monumento se erguerá, o cadáver dum marinheiro. Assim se cumprirá. E de uso fazer votos para que seja leve a terra que cobre os mortos queridos, pois parece que representa isso um grande vantagem para a ossada dos defuntos. Se assim for, quanto grande não será a aflição do desgraçado marujo de Portsmouth, com aquele mazarulho da estátua em cima do cadáver!

Remédio fácil

O que em Portugal se gasta com os presos é uma verba que pesa afritivamente sobre o orçamento. — diz A Luta, e deve ser verdade. Há todavia um remédio fácil para diminuir os encargos do Estado neste particular. As cadeias estão atulhadas, mas é grande a percentagem de pessoas honestas entre os que as povoam, presos sem culpa, gente honesta, activa, trabalhadora a que a polícia deu as garras às ordens da tirania. De-se a liberdade a esses presos, que assim se repara uma injustiça e se consegue uma economia. E os outros, mesmo os criminosos comuns podiam vir também para o meio da rua, pois um gatuno a mais ou a menos não faz diferença, sabendo-se que os ladrões de maior peso andam cá fora, incensados da consideração social. Já o dinheiro assim apurado poderia tornar mais faustoso o regaço dos políticos; e, se alguma coisa sobrasse, serviria a aumentar o efectivo da guarda republicana, ou o quadro da polícia de segurança do Estado, — para maior tranquilidade dos que comem.

Ferrovários da C. P.

Um acto indigno

Segundo nos comunica o Sindicato dos Ferrovários da Companhia Portuguesa, quando ontem o maquinista Tormenta, do Depósito de Campolide, se dispunha a retomar o serviço, foi-lhe ali dito que se apresentasse na estação do Rossio ao capitão Sarmento.

Este senhor, quando aquele camarada se lhe dirigiu, deu-lhe voz de prisão, enviando para o quartel do Carmo.

E' este um acto sobremaneira indigno. Não se compreende que ainda depois da greve as autoridades continuem praticando perseguições como esta. E' natural que desejem prosseguir nas violências adoptadas desde o início do movimento, irritando assim, mais uma vez, os ferroviários da C. P.

Um oovinte do Sindicato

O Sindicato Ferrovário convida todo o pessoal que ainda se encontra fora do serviço por a Companhia não o ter querido receber, a reunir hoje, pelas 10 horas, a fim de se assentar no caminho a seguir

A ACÇÃO DA TRÍPLICE ALIANÇA

E não há de subir o salário!

Não parou nem pára a alta dos artigos de primeira necessidade

A subida constante e escandalosa do preço dos artigos indispensáveis à alimentação, ao vestuário, calçado, etc., parece não preocupar grandemente o proletariado de Portugal. Não há ainda dois meses que foi decretado o comércio livre e já grande parte daqueles artigos tem subido, em relação aos preços que tinham então, e até aqueles que se vendiam a ocultas, de 50 a 150 %.

E isto não se diz apenas, mas prova-se. De resto sabe toda a gente, por experiência própria, que não fazemos uma afirmação sem base.

Comecemos pelos artigos que eram tabelados.

O feijão vendia-se, em obediência à tabela, a \$26 o meúdo e a \$30 o grão; sonegadamente o preço do feijão era, respectivamente, de \$36 e \$44 a \$50 e idênticamente o grão de bico. Pois agora ninguém já compra feijão ou grão por menos de \$70 e \$76, havendo já quem o venda a \$80!

O azeite tinha a base tabelada de \$90, mas vendia-se à sucapa a \$180 e \$200. Hoje não se compra por menos de 4\$00 um litro de azeite!

A massa, que custava a ocultas, 1\$00 e 1\$50, custa hoje 1\$40 e \$200. O carvão a lenha custam hoje, respectivamente, \$24 e \$16. E tudo o mais caminha na mesma vertiginosa progressão, arrastando para a mais negra miséria o produtor.

Vejam, por hoje, os leitores de Batalha como o comércio se mantém em face da ameaça do novo tabelamento de géneros, à face de uma carta que um amigo deste jornal nos remete de Braga, carta que foi dirigida por um negociante de Lisboa a uma firma daquela praça.

Por ela se depreende que o comércio não desarma enquanto não tirar a pele, sobretudo ao produtor, que é quem, directa ou indirectamente, paga todo o consumo. Leia o leitor essa carta, que publicamos a seguir, para ficar identificado:

«Amigo e Sr. Em máu poder seu preso favor de 12 do corrente a que respondo.

«Azêite. — Sobre azeite, suponho não haver motivo para receios, visto que o seu tabelamento só pode vir agravar a situação para o consumidor. E' verdade que a escandalosa subida promovida depois de decretada a liberdade do comércio justifica esta reacção, mas nem por isso V. S.ª perderá dinheiro pela questão da tabela, porque, como costume, ele desaparece no mercado e V. S.ª terá ocasião de o vender aos candongueiros, por preço superior ao já hoje exagerado.

«Feijão. — Não lhe podemos fazer menos de 20(12\$50, ou seja \$62,5 o litro, visto que o lavrador e as ajudadeiras, que em Aveiro, Estarreja e outras praças de feijão, o começaram a vender na colheita a 30 cent., já hoje pedem \$60 cent. e mais por cada litro. Além disso, a tremenda desordem dos serviços ferroviários dá actualmente ocasião a roubos que estão fora de toda a expectativa. Há dias recebemos um vagon em que nos faltarão 1.150 litros, e em que até nos levaram sacas completas.

«Aveia, Java, milho e cevada. — Sobem vertiginosamente, tendo sido a sua alta, desde o começo da 2.ª quinzena de Outubro até hoje, respectivamente, de 70 cent., \$80, \$150 e \$60 por cada 20 litros.

Sabões. — Entendemos que V. S.ª faz mal por de conta o sabão que ultimamente receberam, pois nos consta que a Companhia União Fabril vai elevar-lhe os preços para 50\$00 cada 12 c.

«Apêlar. — Nada podemos fazer sobre este assunto. Já veio tarde o seu pedido. Soubemos que houve vendas enormes de apêlar escuro para a província, mediando o preço para vagon, pôsto no caminho de ferro, 1\$50 por cada quilô. Agora não há nada, nem prometem para tam cedo qualquer fornecimento.

«Arroz. — Arroz nacional também sobremaneira vendido. Os descascadores, que começaram a vender a \$90 por quilô, já hoje pedem mais, e o comerciante de Lisboa já pede 1\$25 e 1\$30 por arroz ordinário.

«Sementes. — Com sementes dá-se um formidável escândalo. A Companhia só fornece aos agricultores, e esses entregam-nas aos intermediários, que são insaciáveis. O preço por que se poderá obter agora é de \$26 a \$30 cada quilô.

«Massas. — Sobre massas estamos como dantes. As fábricas já começaram a produzir, mas só produzem massas não chamadas de 1.ª que vendem a 1\$40 com 5 % de desconto, ou seja a 1\$33 cada quilô e o pagamento adiantado. Bem vêem, pois, que não dá margem para revenda; e a província vai, dentro em breve, ser a consumidora de toda a produção, visto que o decreto deixou-lhe uma porta falsa, que é a facilidade de vender pela tabela acrescida do preço de embalagem e transporte, que dará margem a que se venda massa até a 2\$00 e mais. A de 2.ª não fabricam porque dizem não haver farinha baixa além daquelas que empregam no pão de 2.ª.

«Carnes. — Banhas, carnes fumadas, etc., também sobem na mesma proporção dos outros artigos e não ficarão no preço actual, que é de 4\$00 e 4\$20 em primeira mão.

Cremos assim ter respondido ao estimado favor.

Sobre tabelamento, não vemos que se justifique o seu receio. Ele será o que tem sido até agora. Com tabelas ou sem elas, o comércio continuará a vencer as dificuldades que aponta, pela razão de que começam as transacções sonhadas, quero dizer, feitas na sombra ou com manha.

Seu outro motivo somos de v., etc., — (Assinatura).

O amigo de A Batalha que nos facultou cópia da elucidativa carta que aí fica e que, como empregado do comércio, bem conhece o assunto, promete continuar a dar-nos interessantes informações acerca dos torpes maneios dos comerciantes e empresas fornecedoras de géneros, a fim de que o leitor conheça algumas das mais importantes causas da carestia da vida.

E' evidente que a triplíce aliança: Comércio, Indústria e Lavourea, está apostada em condenar a mais negra fome o consumidor, porque a sua gula é insaciável, embora já tenha acumulado enormes fortunas, mercê da descarado espoliação que tem exercido sobre este povo que tem paciente e suportado esses autênticos bandidos, que apesar do mal que fazem ao país tem a mais alta consideração dos governantes, que lhes chamam as forças vivas...

Em Berlim

termina a greve nas centrais eléctricas

BERLIM, 15. — O serviço das centrais eléctricas achase completamente restabelecido, pois os operários regressaram ao trabalho na passada quinta-feira.

O município tomou o encargo de regular todas as dificuldades de salários relativos aos dias da greve. — Rádio.

AS GREVES

Ferrovários do Estado

Nota oficial

No dia 14 reuniu em sessão magna, no Barreiro, o pessoal grevista do Sul e Sueste, ao qual foi exposta a marcha do movimento e o resultado das demarches dos d. srs. António Cabreira e almirante Machado dos Santos.

Foi resolvido não se apresentar ninguém ao serviço, dispondo-se todo o pessoal a manter a greve até à conclusão das negociações.

Do Algarve, foram recebidas notícias dando o movimento garantido e salientando as violências praticadas pelas autoridades, que tem dado uma verdadeira caça aos ferroviários.

Continuam presos alguns grevistas, sem culpa formada, não se justificando as perseguições, quando a D. G. T. afirma estar tudo normalizado.

As notas da D. O. T. surgem novamente repletas de fantasias, dando-se por normalizado o serviço de mercadorias, quando as estações citadas na nota de ontem continuam sem movimento.

As afirmações feitas nas referidas notas constituem um verdadeiro atrevimento, pois são tudo quanto há de mais falso e tendencioso.

Com o sr. António Cabreira e almirante Machado dos Santos, conferenciamos novamente os delegados deste comitê, continuando aquelas individualidades a empregar os seus esforços no sentido de conseguirem a solução do conflito.

Em harmonia com as resoluções do pessoal de Lisboa e Barreiro, que entusiasticamente resolveu o prosseguimento da greve, deve todo o pessoal manter-se firme, até se concluírem as negociações.

São falsas as notícias fornecidas aos jornais; dando a apresentação de 30 ferroviários, ontem dia 15, pois que a expectativa do governo foi mais uma vez ludibriada e as afirmações do sr. Raúl Esteves caíram pela base.

O pessoal continua em greve, tanto o do Sul e Sueste como o do Minho e Douro, até que justiça lhe seja feita.

Realizando-se hoje, pelas 13 horas, do hospital de S. José para o cemitério do Alto de S. João, o funeral do infeliz ferroviário António José Maria de Paiva, bilheteiro da estação do Barreiro, que se suicidou no dia 12 com um tiro na cabeça, convidamos todo o pessoal em greve a acompanhá-lo à sua última morada, como homenagem à sua dedicação pela classe a que pertenceu. — O Comité Central dos Ferrovários do Estado.

Em Beja

Os grevistas deliberam conservar-se firmes. — As classes trabalhadoras dão-lhes todo o apoio.

BEJA, 9. — Como no primeiro dia de greve se encontram animados os grevistas ferroviários, não se notando a menor defecção, à excepção dos conhecidos, «amarelos» Borralho e Matos, os quais se encontram ao serviço nesta estação, mas tem razão em assim proceder, visto que não precisam do aumento reclamado, porque o negócio... rende bem.

Os grevistas efectuaram uma reunião para apreciar a marcha do movimento, a qual esteve bastante concorrida. Depois de vários camaradas descreverem as fases por que o movimento tem passado, e a intransigência do governo, foi aprovado a continuar-se em luta até completa vitória e o comité central a determinar.

Em seguida falaram vários delegados da U. S. O., que, depois de se referirem à forma indigna e despolítica como o governo tem tentado resolver o conflito ferroviário declararam que as classes trabalhadoras desta cidade estão compehetradas da razão que assiste aos camaradas ferroviários, e por consequência, estão a seu lado dispostos a irem para a luta quando a C. G. T. lance o grito de luta.

O alferes sr. Drago, actual administrador do concelho, não tendo entre o tempo, dá para prender grevistas, pois foram presos mais os seguintes camaradas: José Teodoro Caria, Francisco Branco, Emilio Guerreiro e Luis Madeira, aos quais fez seguir no cabeço das máquinas que se destinavam ao Algarve e Barreiro. Simplesmente infame e repugnante!

«Acaso julgarão os d. srs. Drago e Granjo que estão em França a lidar com os militares? Enganam-se, porque o

povo trabalhador já vai compreendendo a razão que lhe assiste, e, por consequência, terá que lançar mão de todos os meios ao seu alcance afim de abreviar quanto possível o dia do ajuste de contas, metendo na ordem toda a parasitagem.

DE Barcelos

A competência do pessoal grevista — Um desastre

BARCELOS, 8. — A greve no Minho e Douro prossegue sem desfalecimento. A tracção e oficinas tem sido duma rigidez admirável. Estas duas corporações não tem tido até esta data tibezas, porque possuem no seu meio os mais distintos profissionais que, sem receio de errarmos, rivalizam com os principais da Europa.

Não temos conhecimentos técnicos, mas estamos autorizados, por um dos mais distintos engenheiros portugueses, a sustentar o que afirmamos a quem tentasse provar o contrário.

Estes dois serviços ressentiram-se até 1898 dum organização atrozada e fradesca! Numa e noutra fazia-se monopólio do saber. O Domingos Rico fazia o «sinal da cruz» quando ia fazer a «verificação da máquina» a Tróia e o José Vieira, o Miguel da Costa, a pedira ao José da Costa para rezar a «minha alma magnífica», a passagem da barca em Darque, o Raimundo da Misericórdia para rezar «As Obras da Misericórdia» a passagem da igreja, em Segadães e o Marques, da máquina 4, a pedira ao actual chefe de reserva Soares, que rezasse o «ração da guarda» a passagem do quilómetro n.º 11 do Minho!

Depois da aludida data veio do Sul e Sueste o distinto engenheiro Luis de Orey ministrarlhes uma organização aperfeiçoadíssima e moderna, que tem acompanhado até hoje.

Todos sabem bem quanto valem a daí parte a sua altivez para este momento de luta.

A linha do Minho tem só dois comboios de passageiros, sendo um ascendente e outro descendente, e as máquinas pilotadas por simples curiosos.

— Ontem deu-se um grande desastre com um comboio de mercadorias, próximo da estação do Marco, do qual resultaram imensos prejuízos materiais.

Segundo informes que temos, o sinistro deu-se por incompetência de quem conduzia a máquina.

A que calamidades nos leva o nefasto governo que está no poder! — C.

Operários alfaiates

Com grande concorrência, reuniu ontem esta classe, sendo lida e aprovada a acta. Apreciou-se a nota do comité, findo o que é lido um ofício da casa Cândido Correa, em que declara atender todas as reclamações morais e materiais da classe, resolvendo-se que nesta casa se retome o trabalho com os seguintes salários mínimos: oficial, 6\$50; meio oficial, 4\$50; costureira, 3\$50; meia costureira, 2\$00; aprendizes com prática (ambos os sexos), 1\$00, e 80 c.º para o pessoal externo.

Em seguida é votada uma proposta, para que a classe, quando retornar ao trabalho, contribua com um dia de salário para o cofre do Sindicato. Foi votada por aclamação, votando-se também a boicotagem às casas que exerçam represálias.

Falaram vários oradores, que se chegaram à marcha do movimento, aconselhando a classe a manter-se unida e vigilante para se conseguir em todas as outras causas o mesmo que se conseguiu na de Cândido Correa, e que constitui a primeira vitória material e moral, ao fim de 25 dias de luta.

Apreciou-se ainda um ofício, participando que os industriais reúnem hoje, findo o que foi encerrada a sessão, convidando-se a classe a fazer a necessária vigilância.

Hoje reúne a classe, às 14 horas, na sede dos Caixaeiros.

Do comité recebemos a seguinte nota:

O Comité encontra-se satisfeito com a demonstração que ontem praticastes, não vos apresentando ao trabalho, contrariando sobremaneira os senhores industriais, que se façam hoje porque os industriais vão reunir e é preciso que eles, ao apreciarem as nossas reclamações, tenham em conta a situação da nossa classe, porquanto se está a mostrar fria, fria não de ser também as suas resoluções.

Camaradas! Que todos tenham bom alto,

MUNIÇÕES PARA "A BATALHA"

Transporte..... 16.467\$21

Quebra aberta em New Bedford, Mass (América do Norte).—Contribuintes:

Dollars

Fernando Vasco..... 25

José Amâncio..... 25

Antônio Oliveira..... 25

Manuel Câmara..... 50

M. D. Silva..... 50

Artur Aguiar..... 1,00

José Gouveia..... 25

Manuel M. da Cunha..... 50

José Dias..... 25

Antônio Artur Can-

dela..... 25

Antônio Mendes Pinto

João da Palma..... 25

Antônio S. Pina..... 1,00

Manuel Mendes Lopes

Raul Abrantes Pina..... 50

Antônio Major..... 1,00

José Mendes Coelho..... 25

Antônio A. Brásida..... 25

José Pacheco da Silva..... 25

Manuel Nunes..... 2,00

Germano B. Tavares..... 50

Alberto Antunes Gas-

par..... 2,00

José da Silva Afonso..... 5,00

Josefina S. Nunes..... 2,00

Manuel Fonseca..... 50

João Alberto..... 1,00

Antônio de Almeida..... 1,00

João Varela..... 50

J. M. Ferreira..... 25

José Rosa..... 25

Zeferino Gil..... 25

João Abrantes..... 50

Francisco Bento..... 50

Raul Amaral..... 25

João Pereira..... 25

João Neves..... 25

Manuel dos Santos..... 25

Bernardo Ribeiro..... 25

Heltor Pina..... 25

Albino Frazão..... 25

Elias dos Santos..... 25

João Rafael..... 50

Antônio L. Gago..... 50

Marcelino J. da Ponte

José M. Carreira..... 25

José Cunha..... 25

Anônimo..... 60

João M. F. Machado..... 50

José Alves..... 20

Francisco Leite..... 35

Antônio H. Major..... 50

Um companheiro..... 20

Pedro Alafde..... 25

Armando Pereira..... 1,75

Henrique Matos..... 25

João Garcia..... 50

Antônio Miranda..... 25

Augusto Santos..... 25

José Arruda..... 35

Antônio F. Pereira..... 25

F. P. Mota..... 50

Anibal Santos..... 1,10

Guilherme Andrade..... 25

A. Avila..... 25

João Câmara..... 50

Um norte-americano..... 25

Jorge Medeiros..... 2,40

Francisco Gonçalves..... 1,00

Lidia Vasconcelos..... 20

F. Coimbra..... 50

Manuel Dias..... 1,00

Nunes e Lopes..... 2,00

Antônio da Costa..... 25

Manuel J. Pereira..... 25

Francisco Rosa..... 25

Manuel Maria..... 25

Dário Rocha..... 25

Raul Ribeiro..... 2,00

Manuel Bernardo..... 50

Manuel Cordeiro..... 25

A transportar..... 49,90

A transportar..... 16,467\$21

A transportar..... 16,467\$21

A transportar..... 16,467\$21

A transportar..... 16,467\$21

A transportar..... 16,467\$21

No teatro de S. Bento

O governo demissionário

La comedia, non e ancora finita...

Não. A comédia não acabou ainda.

Prossiga, prossiga até que venha

abrir o teatro, sepultando nos escombros

os últimos actores...

O governo anunciou ontem na Câmara

dos Deputados, pela boca do sr. Granjo,

que apresentaria ao sr. presidente da

República, a sua demissão.

Historiemos como ao cabo de uns comen-

tários provocados pelo governo este se

estabeleceu em S. Bento.

Há dias nós escreviamos que o sr. An-

tônio Granjo era um "homem ao mar."

O sr. Granjo cala.

Como? Em face das declarações que

produziu depois da comedia em Santarém?

O sr. Granjo cala em face da questão

da amnistia?

Estende-se por haver trocado

por um pedaço de carvão, ou cego por

uma nuvem de farinha?

Não! O sr. Granjo cala, e o seu can-

to de cisco foi um panegírico à sua hon-

orabilidade.

Lá diz o ditado: «Elogio em boca

própria.

Talis vita... finis ita. Assim como

vivem, assim morrem. Uma morte gres-

ta, absolutamente digna da miséria

que viveu...

Foi o caso que...

Domingo passado, o sr. Granjo bo-

tou-se de longa até aos olivais de

Santarém—como um burguês vai para

as hortas—a comer aquela peluqueira.

Lindo sol, boa mesa, melhor pinga...

Boa companhia—não desfazendo nos

ausentes—e, naturalmente, ao final,

aquela tertúlia própria de um jantar

de família, aquela sinceridade que traz

aos lábios o que vai no coração, que

tua de lágrimas os olhos.

No final do almoço—banquete, o pre-

sidente do ministério estava por certo

um pouco... comovido.

Fora, o sol cantava hinos de luz e de

cor...

Um convívio começou...

Parece-me que o estalou o vidro...

O patriota—o homem de talento, o homem

de acção, o homem indispensável no mo-

mento que atravessamos, etc...

Os outros agradeceram pelo mes-

mo diapasão.

O sr. Antônio Granjo levantou-se firme

de pernas e mal seguro da cabeça, e

sentiu-se na verdade aquilo tudo; as per-

nas estavam firmes, mas as ideias pouco

nítidas...

Tive uma alucinação.

Era em Santarém, terra de garraíadas

e esperas de touros...

O sr. Granjo divagou no palitório de

barro que talvez estivesse sobre a mesa

um touro de preto-malhado...

—que fazia lembrar o desenho de

Bordalo—levava, pendentes dos galhos,

duas tiras onde estava escrito em gros-

so caracteres: «Contrato dos trigos».

«Contrato do carvão».

O presidente do ministério, de frack

apertado, correto, perdeu a linha,

e... atirou-se para o bicho...

Foi uma péga rija.

O vinhático branco prestava aos bi-

ceps do sr. Granjo a rizeja do aço e à

língua do mesmo senhor uma liber-

dade de movimentos fantástica; as ideias

do cavalheiro foram envolvidas pela

pinga traçoira num véu diáfano, mas

resistente, de inconveniências...

E com toda a impetuosidade, sem

contido perder a compostura do as-

pecto, o presidente do ministério, ape-

gado às hastes do boi esbravejou in-

conveniências...

O boi saucidiu a cabeça—perda e

elucinação—e o sr. Granjo veio, pelo

ar, cair no redondo... de S. Bento.

Aqui, oh realidade, quisilante!! O

deputado Antônio Fonseca pediu ex-

planações das frases de Santarém...

ESCLARECENDO

Corticeiros ou marítimos?

Pede-nos a Federação Nacional Corticeira

a publicação da carta que a seguir

reproduzimos, fazendo-o com o in-

tuito de que seja definitivamente escla-

recida a situação de alguns trabalha-

dores que a Federação Marítima parece

considerar como devendo pertencer à

sua organização corporativa, o que

aquela contesta nos seguintes termos:

Camarada redactor.—A Federação

Nacional Corticeira solicita a fideja da

publicação do seguinte, na nossa valen-

te Batalha.

A discussão suscitada entre os des-

carregadores de mar e terra e os des-

carregadores em serviço permanente

das fábricas de cortiça está tomando

proporções que podem provocar mal

entendidos entre a classe que represen-

tamos e a dos camaradas que compõem

a Federação dos Marítimos, que nos

parece dever terminar quanto antes,

para acutelar os interesses mútuos, de

ambas as partes. Quanto a nós, no

evidente desejo de se liquidar de vez o

assunto, entendemos, sem subterfúgios,

esclarecê-lo do modo seguinte:

Desde que existem fábricas corticeiras

no país que as cargas e descargas são

feitas por operários ao serviço per-

manente e cotidiano, cumulativamente

com o trabalho de raspar cortiça, cozê-

-la, prensá-la, encher sacas de aparas,

arrumadas, empilhadas e armazenadas,

etc., etc., trabalho que em globo é

feito durante toda a semana. Nunca

são deslocados—com raras excepções—

para outras fábricas, para procederem

a cargas ou descargas, a não ser senão

quando são despedidos ou se despe-

dem. Por tal facto são considerados

corticeiros, filiados nos nossos sindica-

tos profissionais.

Quando temos declarado as greves,

são tidos como grevistas para todos os

efeitos, usufruindo a sua cota parte de

benefícios, exactamente como os restan-

tes camaradas, tendo até já havido al-

gunos conflitos com o patronato, única-

mente por sua causa, encontrando sem-

pre em todos nós a mais decidida in-

condicional solidariedade.

Ultimamente, porém, alguns camara-

das descarregadores, dos que só se

empregam neste serviço, estranhos na

sua quasi totalidade às fábricas de cor-

tiga, entenderam que tal trabalho só

por eles deverá ser feito. Esta nova

modalidade nestes serviços terá como

consequência o despedimento dum

grande número de camaradas nossos,

visto que os outros trabalhos que fa-

zemos não garantem o ganho in-

dispensável à sua manutenção. Se estes

só se empregarem no mister de car-

regar e descarregar aturadamente, ad-

mitir-se-ia o critério que os marítimos

querem impor, doura maneira vemos

os nossos legítimos interesses grave-

mente afectados.

Analisemos ainda o assunto por ou-

tros aspectos.

A quando da nossa última reclama-

ção, foram os descarregadores do Se-

ixal aumentados em percentagens iguais

às de todos os demais camaradas. Suc-

edeu, quando entre esta Federação e

a Associação de Corticeiros da Associação

Portuguesa se deu por terminado o

assunto reclamaram os descar-

regadores aumentos diferentes e mais

elevados, o que deu origem a que os

industriais, numa barreira impenetrá-

</